





Problemáticas e trabalho de campo



Pesquisas arqueológicas na Baía Farta (Benguela-Angola)

Manuel Gutierrez*

P. 57-63

As pesquisas arqueológicas na Província de Benguela e mais precisamente no município da Baía Farta são relativamente antigas, e de facto são o resultado de pesquisas geológicas regionais. As publicações geológicas indicam a presença de vestígios arqueológicos em superfície que logo vão interessar os arqueólogos profissionais em particular pré-historiadores que vão estudar o material lítico assinalado. As estações assinaladas não se encontram na cidade de Baía Farta mas sim à 6 km ao sul desta cidade (**Carta 001**), sobre terraços de 100 m de altura em relação ao nível actual do mar, estações conhecidas actualmente como *Complexo Arqueológico de Dungo*.



Carta 001: Angola, o círculo indica a região das estações arqueológicas do Dungo e da Cachama.

Breve histórico das pesquisas

Um dos primeiros geólogos a publicar informações sobre vestígios arqueológicos na região da Baía Farta é Mascarenhas Neto que em 1957 assinala a presença de peças líticas em superfície e sobre os terraços de diferentes níveis (20, 50 e 100 metros de altura sobre o nível actual do mar). Neto acrescenta que os líticos se encontram cobertos de areia vermelha e sobre um nível de conglomerado (Gutierrez, 2001). Trata-se, segundo Neto, de «belas peças de uma indústria paleolítica» (Neto, 1961). Um outro geólogo, G. Soares de Carvalho, assinala no mesmo período, 1957, a presença de material lítico sobre um nível de conglomerado e coberto por um nível de areia «uma rica indústria lítica», com objectos atribuídos ao Acheulense (Carvalho, 1960).

Soares de Carvalho faz igualmente a recolha de 19 peças líticas que serão estudadas mais tarde por C. Ervedosa em Luanda. Em 1967 Ervedosa publica os resultados do estudo do material lítico onde indica que se trata de uma indústria do Acheulense médio e final (Ervedosa, 1967).

* Université Paris 1 Panthéon Sorbonne. Equipe Afrique-UMR 7041 CNRS.

Talvez a publicação mais importante sobre a pré-história angolana e sobre a região da Baía Farta sejam os dois volumes que J. D. Clark consagra ao Paleolítico do País (Clark, 1963). O autor assinala, entre outras informações, que na Baía Farta temos «um rico horizonte acheulense representando uma oficina de talhe e um sítio de habitat» (Gutierrez, 2001). A informação que será reproduzida no livro de C. Ervedosa sobre a arqueologia de Angola (Ervedosa, 1980). Como se pode constatar as informações disponíveis até os anos 1990 são relativas às peças líticas que são estudadas sem estratigrafia e sem relação com o contexto horizontal.

A pesquisa actual

As pesquisas conduzidas pela equipa Franco-Angolana constituída em torno do Museu Nacional de Arqueologia de Benguela e com a participação de pesquisadores franceses (Universidade de Paris 1 Panthéon Sorbonne e CNRS) são orientadas num sentido diferente. A primeira medida foi de integrar a escavação arqueológica fina (ou pré-histórica) como base do conhecimento do material arqueológico, o que significa que a recolha de superfície é abandonada.

A segunda medida foi de integrar a noção de etnologia pré-histórica nas finalidades da escavação, o que implica de abrir quadriculas de grandes dimensões para estudar os vestígios arqueológicos no seu contexto horizontal.

A partir destes dois princípios de base, procuramos verificar as informações relativas a oficina de talhe lítico e o sítio de habitat assinalados por J. D. Clark e C. Ervedosa. Os resultados são negativos mesmo se certas acumulações de líticos poderiam conduzir a imaginar uma oficina lítica, o sítio de habitat é simplesmente inexistente.

As primeiras escavações metodológicas vão ter lugar no terraço de 100 metros, no lado direito do rio Dungo e na parte orientada para o mar (Fig. 001). Nesta parte do terraço o nível de areia vermelha de superfície é menos elevado que no resto do terraço o que implica que as camadas arqueológicas são acessíveis com uma certa facilidade. Ao mesmo tempo o nível do conglomerado que está no fundo da sequência cronológica pode ser atingido sem ter um corte estratigráfico muito elevado. A primeira estação estudada foi Dungo IV (Fig. 002) com os métodos da escavação pré-histórica (pincéis e instrumentos de dentista) (Fig. 003) o que permite de ter um conhecimento pormenorizado de cada nível com o material arqueológico *in situ*.



Fig. 001 – Posição de Dungo IV, no cume do terraço.



Fig. 002 – Escavação arqueológica na estação Dungo IV.



Fig. 003 – Escavação fina no Dungo IV.

Os resultados no Dungo IV, são o estabelecimento de uma estratigrafia que mostra a existência de duas indústrias líticas bem diferenciadas no tempo. A mais antiga contém choppers e grandes lascas e encontra-se nos níveis do fundo, junto ou sobre o conglomerado e a mais recente encontra-se numa camada de areia grossa de cor vermelha e contém bifaces e lascas de pequenas dimensões. As vezes as lascas estão regroupadas em torno de uma rocha que talvez foi a cadeira do fabricante do objecto lítico (Fig. 004). Uma das particularidades do Dungo IV, é ter somente material lítico, a ausência de ossos por exemplo é notável. Foi assim que para verificar a existência ou a ausência do material osseo uma nova quadrícula foi aberta, com resultados similares (Fig. 005).



Fig. 004 – Conjunto de lascas, Dungo IV.



Fig. 005 – Aspecto das quadrículas M 10 e L 10, Dungo IV.

A procura do material ósseo foi assim orientada na região chamada paléo lago (Fig. 006) onde as condições topográficas ofereciam melhores condições para a conservação deste tipo de vestígios. E assim que foi descoberto e escavado um esqueleto em conexão anatómica parcial na estação denominada Dungo V (Fig. 007). O estudo do material osseo e do material lítico associado permitem de saber que se trata de uma baleia que foi objecto de rapinagem pelas populações paleolíticas regionais (Gutierrez *et alia.*, 2001). A cronologia relativa da estação de Dungo V e dos factos de rapinagem foi estabelecida a partir de medidas U/Th realizadas sobre uma concha de ostra. As medidas indicam uma idade de mais de 350 000 anos, mais o problema com as medidas U/Th é que o limite do método é também de 350 000 anos. De maneira que não sabemos se os factos são mais antigos que a idade da concha e de quantos anos mais antigos, trata-se então de uma cronologia relativa de *mais de*, sem poder precisar quantos anos mais antigos são os vestígios.



Fig. 006 – Aspecto do paleo lago.



Fig. 007 – Esqueleto da baleia I, Dungo V.

Estudos recentes sobre a cronologia de sedimentos do centro do Tchade elaborados pelo Centre Européen de Recherches et d'Enseignement des Géosciences de l'Environnement (CEREGE) de Aix-en-Provence (França) permitem de datar areias de superfície sobre a base da exposição dos sedimentos às actividades cosmicas. A aplicação em Angola dos métodos empregues pelo CEREGE no Tchade ofereciam a possibilidade de datar directamente objectos antrópicos em quartzo. Foi assim que quatro peças líticas de Dungo IV foram datadas (Fig. 008).

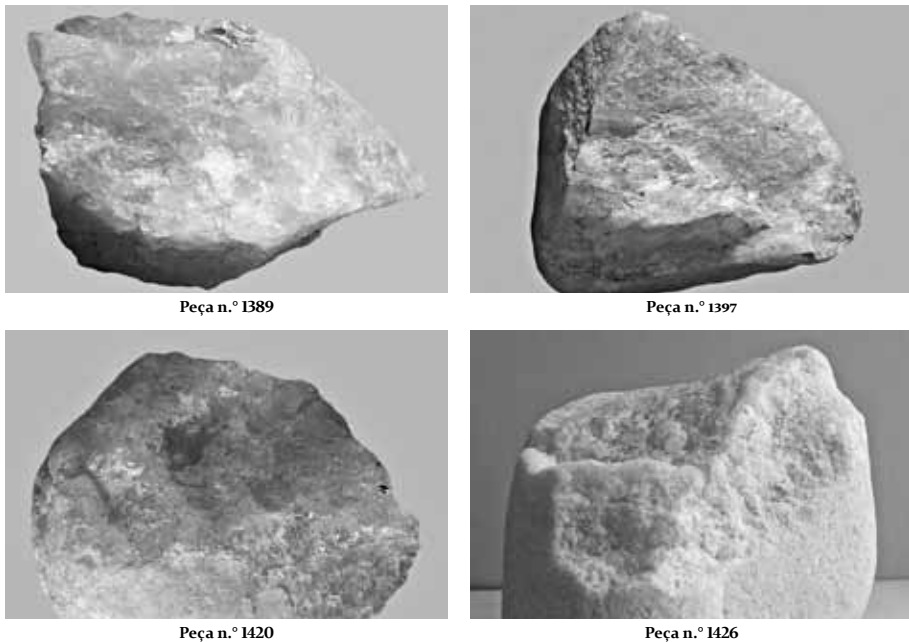


Fig. 008 – Quatro peças líticas de Dungo IV.

O método de datação é o método de enterramento, que mede a relação $^{26}\text{Al}/^{10}\text{Be}$, para determinar o tempo que os objetos em quartzo não estão submetidos a acção cosmica. Os resultados são muito interessantes (**Quadro 001**):

	Idade em milhões de anos	Al/Be
Peça n.º 1389	1,124	± 0,087
Peça n.º 1397	0,771	±0,083
Peça n.º 1420	2,014	±0,094
Peça n.º 1426	1,623	±0,108

Quadro 001: Datações de quatro líticos de Dungo IV em milhões de anos.

Do ponto de vista cronológico e como o quadro o mostra, o material é datado *grosso modo* entre 0,7 e 2,1 milhões de anos (Gutierrez *et alia.*, 2010) o que faz da indústria lítica de Dungo a mais antiga de Angola e da parte oeste da África.

Além da idade das estações paleolíticas de Dungo, estudos experimentais sobre o material lítico em quartzo foram realizados no quadro de uma tese de doutoramento na Universidade Paris 1 (Jesus, 2010). O estudo pretendia pôr em evidência a existência de marcas específicas de utilização sobre os líticos pré-históricos. O protocolo de estudo foi de fabricar objectos líticos experimentais e empregar os objectos para cortar carne, raspar ossos e vegetais, transportar os líticos, etc. e logo observar no microscópio o tipo de marcas que deixam as diferentes actividades. O passo a seguir é de comparar as marcas do material experimental com as marcas que aparecem no material lítico arqueológico e de propor as prováveis utilizações pré-históricas.

O estudo traceológico permite de constatar que, entre outros elementos, o corte de carne por exemplo deixa marcas de polido, de micro escamas e arredonda o gume. O corte de vegetais deixa também um arredondado, algumas estrias, um micro polido. Enquanto a raspagem da madeira, ela deixa um micro polido luminoso, algumas estrias e micro escamas (Jesus, 2010). O mais importante foi assim de constatar que a traceologia é aplicável ao estudo do material lítico em quartzo e que as marcas de utilização são discerníveis com um material de observação adaptado.

Do ponto de vista do material lítico de Dungo IV, se pode observar sobre as lascas arqueológicas um micropolido que é similar as marcas observadas no material experimental que foi utilizado no corte de carne. Outras marcas podem ser atribuídas ao trabalho sobre a madeira, mas também as marcas que são indeterminadas de maneira que não se pode avançar hipóteses sobre a utilização pré-histórica (*ibid.*).

O material arqueológico em quartzo das estações de Dungo pode assim ser submetido a estudos traceológicos com resultados positivos na condição de ser o resultado de escavações metódicas com os vestígios encontrados em níveis arqueológicos «protegidos» das intervenções que podem alterar o estado dos objectos.

Pesquisa e formação

A formação em arqueologia esta intimamente ligada com a prática de campo, é assim que durante os trabalhos de escavação se formão jovens que não tem ainda experiencia em arqueologia. A outra parte da formação se faz na Universidade, de Benguela e em Paris, e uma parte importante tem a forma de escola de campo.

Do ponto de vista universitário o ensino teórico em Benguela faz parte do curriculum de História onde os estudantes têm aulas específicas de Arqueologia. Na Universidade de Paris temos a formação específica em Arqueologia Africana com diplomas de Arqueólogo nos diferentes níveis universitários, da Licenciatura até ao Doutoramento.

Do ponto de vista prático a parte mais importante da formação se faz no quadro de uma escola de campo nas estações arqueológicas da Baía Farta: Dungo IV e Cachama¹, do Paleolítico inferior e do Neolítico final respectivamente (**Fig. 009 e 010**). A finalidade da

¹ A estação Cachama encontra-se na estrada que liga a vila da Baía Farta à Macaca, na parte inferior dos terraços que fazem parte do complexo arqueológico de Dungo (ver nosso artigo: La découverte d'une préhistoire. In *Archéologia* n.º 506, janvier 2013.

formação é a de familiarizar os estudantes com a escavação arqueológica, com os níveis estratigráficos, com o material arqueológico e sobre o valor histórico dos vestígios que não tem nenhuma relação com um valor comercial por exemplo. Ao mesmo tempo uma reflexão sobre o valor patrimonial das estações arqueológicas é discutida entre os estudantes e a equipa de formação. No campo a formação é permanente e cada dia antes de dar início a escavação, propriamente dita, uma palestra é apresentada por um membro da equipa e ao mesmo tempo também se explica as finalidades do trabalho do dia (Fig. 011).



Fig. 009 – Aspecto da Escola de Campo, Dungo IV.



Fig. 010 – Aspecto da Escola de Campo, Cachama.



Fig. 011 – Escola de Campo, palestra na estação Cachama.

O facto de ter duas estações arqueológicas diferentes de ponto de vista cronológico e do ponto de vista topográfico permite de treinar os estudantes a escavar duas realidades arqueológicas diferentes, com métodos adaptados a cada estação. A importância do ensino prático da disciplina é que se trata de um complemento indispensável da parte teórica que muitas vezes parece abstrata, enquanto que as técnicas de escavação, de relevo, de registo e de reconhecimento do material são muito mais complexas no campo que nas aulas teóricas. A prática da disciplina permite igualmente de detectar os potenciais candidatos para uma formação específica em Arqueologia, em níveis mais elevados na Universidade, e para preparar os futuros quadros angolanos que vão assumir a pesquisa arqueológica no futuro próximo.

Conclusões

As mudanças metodológicas introduzidas na pesquisa arqueológica pela equipa Franco-Angolana na região da Baía Farta, permitem de ter uma visão diferente da realidade pré-histórica regional.

Uns dos primeiros resultados foi de escavar com método as estações do Complexo Arqueológico do Dungo, o que permitiu de diferenciar duas indústrias líticas bem distintas: uma pre-acheulense com material lítico constituído principalmente de chopper e grandes lascas e uma outra mais recente, Achuelense, constituída por bifaces e lascas.

O estudo do material lítico e a constituição de uma série de referência em quartzo permite de ter acesso às informações relativas ao uso (provável) das peças líticas. O estudo mostra marcas de corte de carne e de madeira e outras marcas difíceis de identificar no material lítico. Do ponto de vista estratigráfico, a posição de cada indústria está bem determinada nas quadrículas de Dungo IV e sabemos que a mais antiga está em contacto com o conglomerado de base. A mais recente sobre as camadas superiores.

Do ponto de vista do conteúdo, as estações de Dungo IV e V apresentam vestígios diferentes: no Dungo IV é a indústria lítica que é o elemento mais importante, no Dungo V o esqueleto de uma baleia associado intimamente ao material lítico são os vestígios mais importantes. A associação dos líticos com o cetáceo indica a prática de rapinagem única na história da pré-história antiga.

A cronologia actual indica uma «fourchette de idade» entre 0,7 e 2,1 milhões de anos, é a mais antiga estação do paleolítico desta parte de África e também o testemunho mais antigo da prática de “charognage” de um mamífero marinho.

Em relação com a formação, temos resultados positivos com estudantes angolanos diplomados na Universidade de Paris 1 em Arqueologia, e uma prática importante nas estações da Baía Farta com a realização da Escola de Campo de Arqueologia. A escola de campo reúne os quadros do Museu Nacional de Arqueologia de Benguela, os pesquisadores franceses da Universidade de Paris 1 Panthéon Sorbonne e do CNRS com a finalidade de formar estudantes da Universidade Katiavala Bwila de Benguela assim como os jovens do MNAB.

Referências bibliográficas

- Clark, J. D. (1963), *Prehistoric cultures of northeast Angola and their significance in tropical Africa*, 2 vol. Ed. Serviços culturais Companhia de Diamantes de Angola. Lisbonne.
- Ervedosa, C. (1967), *A estação paleolítica da Baía Farta (Angola)*, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XX; fasc. 3-4. Porto: Universidade de Porto.
- ____ (1980), *Arqueologia Angolana*. Luanda: Ministério da Cultura
- Gutierrez, M. (2001), *La Préhistoire de l'Angola. Des précurseurs à aujourd'hui*. In *Afrique: Archéologie & Arts*. N-1. 2001: 16-29. Nanterre. France
- Gutierrez, M., Guérin C., Lena, M. & Jesus M.P. Da. (2001), *Exploitation d'un grand Cétacé au Paléolithique ancien: le site de Dungo V à Baía-Farta (Benguela, Angola)*. C.R.Ac. des Sc. Série II, 332, pp. 357-362. Elsevir, Paris.
- Gutierrez, M. et alia (2010). *Recherches archéologiques à Dungo (Angola). Un site de charognage de baleine de plus d'un million d'années*, in *Afrique Archéologie & Arts*. N- 6, pp. 25-47. Nanterre. France.
- Gutierrez, M., Karlin, C., Faucamberge, E., Benjamim, M.H., Gomez, P. (2013), *La découverte d'une préhistoire*, in *Archéologia*, n.º 506. Janvier 2013. Dijon.
- Jesus, Maria da P. (2010), *Recherches sur le Paléolithique inférieur de la bande côtière d'Angola. Etude comparative techno-typologique et tracéologique du matériel lithique des sites de Dungo IV, Dungo V et Dungo XII*. Thèse de doctorat à l'Université Paris 1 Panthéon Sorbonne, sous la direction de M. Gutierrez.
- Neto, M. (1961), *As bacias sedimentares de Benguela e Moçamedes*. Boletim dos Serviços de Geologie e Minas, n.º 3, Luanda.